

Ciência e Tecnologia

ROBERTA JANSEN/AGÊNCIA O GLOBO - 01/10/2008

A ILHA DE TRINDADE é considerada por cientistas um laboratório a céu aberto

Caça a “tesouros” em Trindade

Cientistas, com apoio da Marinha, buscam moluscos, algas e até ondas fatais na Ilha da Trindade, a 1.140 km da costa do Espírito Santo

SÃO PAULO

Tem gente que caça pokémon com celular. Já a pesquisadora Nathália da Luz vai ficar dois meses na distante e diminuta Ilha da Trindade – a 1.140 km da costa do Espírito Santo – caçando um bicho real bem mais interessante, e também dotado de muita variabilidade de formas: os ostracodes.

Os bichos são crustáceos (como os camarões e lagostas), têm no máximo poucos milímetros e possuem anatomia variável, todos vivendo em ambientes aquáticos. Estima-se que existam mais de 65 mil espécies; eles são tão versáteis que vivem até na água de bromélias.

Esses “minipokémons” do mar são úteis vivos ou mortos. Como microfósseis, são espetaculares indicadores de períodos geológicos e para o entendimento da ecologia do passado. Conseguem ser úteis tanto a geólogos, geógrafos, biólogos ou oceanógrafos.

E são úteis até para a indústria petrolífera; suas assembleias – conjuntos de espécies e outros seres vivos associados – ajudam a descobrir jazidas de petróleo.

Aluna de doutorado na UFRGS (Universidade Federal do Rio

Grande do Sul), Nathália vai fazer coletas em torno de Trindade com ajuda de um bote da Marinha. A coleta é preservada em um dos dois laboratórios da Estação Científica da ilha, e depois levada para estudo na universidade.

Ela e seu orientador, João Carlos Coimbra, descobriram recentemente uma nova espécie de ostracode no arquipélago de São Pedro e São Paulo que recebeu o apropriado nome de *Xestoleberis brasiliensis*. Existem várias “brasiliensis” – Fernando de Noronha, Abrolhos, São Pedro e São Paulo, Trindade e Martin Vaz.

Essas ilhas oceânicas têm um grande valor econômico apenas pela sua localização, pois aumentam a zona econômica exclusiva do País no mar em torno de 200 milhas delas (cerca de 370 km). Por isso tem que ser ocupadas por brasileiros.

Mas, para a ciência, essas ilhas são um achado ainda maior. São raros laboratórios a céu aberto. Nathália da Luz e dois outros pesquisadores que estão hoje na ilha podem fazer suas pesquisas porque as instalações que as permitem foram criadas pelo Protrindade – Programa de Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade.

RAIO X DA ILHA

> **A ILHA DE TRINDADE**, de formação vulcânica, é o território nacional mais afastado do continente

> **PROFUNDIDADE** do oceano: 5.500 metros

> **POSSUI** picos de 600 metros de altura



UM POUCO DO QUE HÁ NA ILHA

Caranguejo

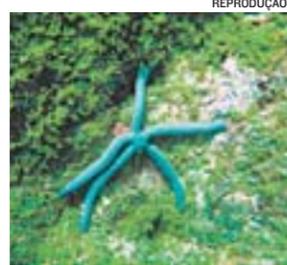
O bicho mais comum é o caranguejo terrestre da *Johngarthia lagostoma*. Os maiores sobem em árvores para comer folhas. Causaram danos a roupas, barracas e botas de pesquisadores que acampavam; são fonte de dados em oceanografia.



DIVULGAÇÃO/DREW AVERY

Algas

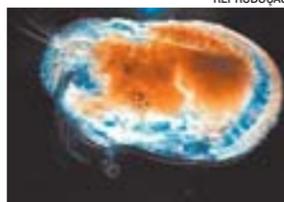
Os projetos científicos estudam a diversidade de peixes, algas e corais na ilha, incluindo a microflora e microfauna locais. O estudo de algas, por exemplo, pode ajudar a encontrar compostos para novos medicamentos.



REPRODUÇÃO

Ostracodes

Ostracodes são pequenos crustáceos com comprimento de até 4 mm que, vivos ou na forma de microfósseis, são uma fonte de dados em oceanografia. Conhecê-los também é útil para encontrar jazidas de petróleo.



REPRODUÇÃO

Distinção geográfica

Por ter uma reduzida plataforma costeira, com a ilha surgindo abruptamente do fundo do mar, Trindade possui relevo, vegetação e vida marinha bem distintas; ao fundo observa-se o navio NDCC Almirante Saboia, da Marinha.



DIVULGAÇÃO/YAMANDU WANDERS - ORBIS DEFENSE

Pesquisadores de olho nas ondas

A criação do Protrindade em 2007, e, mais ainda, a inauguração da Estação Científica na ilha em 2011, com dois laboratórios e vaga para oito pesquisadores, deslançou um boom na pesquisa. Já foram atendidos mais de 500 pesquisadores, diz o capitão-de-fragata Sidnei da Costa Abrantes, gerente do Protrindade.

Lauro J. Calliari, da Universidade Federal do Rio Grande, está interessado nas praias e nas ondas. Ali existem riscos graves, como a chamada “onda camelo” que chega de repente e pode arrastar vítimas insuspeitas para o mar, ou esfolá-las em rochas. A onda, que lembra a corcova do animal, causou setes mortes desde 1963.

A plataforma insular estreita – dez metros de profundidade a meros 500 metros da praia – traz como consequência “a pouca dissipação da energia das ondas”, segundo Calliari. Isso significa que as praias do Príncipe e da Calheta “apresentam um comportamento similar ao das praias continentais do sudeste-sul do Brasil”.

Já riscos permanentes existem “nas rochas na zona de surfe e face



DIVULGAÇÃO

VISTA da ilha, onde já foram atendidos mais de 500 pesquisadores

da praia, arrebentação mergulhante e aumento brusco de profundidade durante a maré alta”, afirma a equipe de Calliari.

Por sua vez, Franciane Pellizzari, da Unespar (Universidade Estadual do Paraná), foi monitorar al-

gas e tentar entender como seu tamanho e sua composição química poderiam ser capazes de revelar compostos úteis para a indústria farmacêutica, e servir de indicadores de poluição do mar por metais pesados.